



CORRESPONDENTE INTERNACIONAL: ESTUDO SOBRE A ATUAL CONJUNTURA DA PROFISSÃO

Maria Clara Nicolau Vieira¹

RESUMO: O artigo propõe-se a refletir sobre a atual figura do correspondente estrangeiro no cenário jornalístico mundial, que se mostra em situação bastante crítica para o exercício da profissão. Os desafios são diversos e vão desde o elevado número de mortes em áreas de conflito até a crise econômica que atinge veículos de comunicação de todo o planeta.

PALAVRAS-CHAVE: *Correspondente estrangeiro; Correspondente internacional; Jornalismo internacional.*

¹ Graduada em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Mestranda do PPGCOM, linha de pesquisa: Estudos dos Meios e da Produção Mediática, ECA-USP. E-mail: mclaranicolau@gmail.com.

1. Introdução

O trabalho desempenhado pelos correspondentes internacionais, independente de suas nacionalidades, vem se transformando desde que o ofício surgiu. A passagem do tempo estabeleceu mudanças constantes que dinamizaram as redações jornalísticas e acabaram por alterar também a rotina do profissional que está a quilômetros e quilômetros de distância da redação. É por isso que o novo modelo e ritmo de trabalho dos atuais correspondentes estrangeiros merece atenção. Diante de tantas transformações, há autores pessimistas que arriscam que os correspondentes são uma espécie ameaçada de extinção. Outros, mais otimistas, creem que a função do correspondente não acabará: apenas continuará sofrendo alterações. Também há, no meio termo, aqueles que preferem não prever os acontecimentos e assumem que é impossível saber como estará a cobertura jornalística internacional daqui a uma década.

Tendo tais incertezas no plano de fundo, este artigo discute a figura dos correspondentes internacionais da atualidade, isto é, a função de correspondente em si e, mais especificamente, as transformações que o ofício sofreu até os dias de hoje. O estudo não se propõe a vislumbrar como será a profissão do correspondente no futuro, mas sim visa compreender os fatores que levaram ao atual cenário. Para tanto, foi selecionada bibliografia com pontos de vistas diversos sobre o jornalismo internacional; publicações muito recentes e outras mais antigas; artigos a respeito do que era a profissão de correspondente no passado e o que ela é atualmente. Ao serem estudadas em conjunto, essas referências se complementam e formam um quadro pertinente e bastante claro, que torna possível o entendimento da questão proposta.

2. O correspondente na atualidade

O correspondente estrangeiro, enquanto profissional, existe fundamentalmente para relatar a seus conterrâneos aquilo que os pode interessar a respeito das terras além mar. Conforme explica Antonio Brasil, pesquisador e professor de jornalismo na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), o correspondente é “um repórter fixado numa cidade estrangeira – muitas vezes a capital de um país –, sendo responsável

por uma região, um país ou, às vezes, até um continente inteiro. Ele deve enviar matérias regularmente para a redação da sede de seu veículo” (BRASIL, 2012, p. 778).

A definição é simples e se mostra válida tanto para correspondentes de algumas décadas atrás como para os de hoje. Porém, se a função do correspondente dos tempos atuais continua a mesma do passado (reportar fatos do exterior), na prática, a forma de realizar esse trabalho vem mudando drasticamente. Os correspondentes estão no olho do furacão, dentro de um turbilhão constante de transformações da atividade jornalística e seus modelos de negócio – que inclui a diminuição do quadro de profissionais no exterior. Nos anos 1980, por exemplo, os canais de TV americanos costumavam ter, em média, 15 bureaus cada, conforme apuração de Pamela Constable (2007), repórter do *The Washington Post* e ex-correspondente internacional. Atualmente, esses mesmo canais têm apenas seis bureaus ou menos. Aqui no Brasil, o cenário também parece seguir a tendência de redução do quadro de profissionais. Um exemplo é a emissora Record, que mantinha quatro correspondentes nos Estados Unidos e, em 2013, fechou dois desses postos. Além dessa redução do número de correspondentes -- ou também por conta dela --, as professoras Luciane Agnez (do Centro Universitário IESB) e Dione Moura (da UnB) afirmam que “a ocupação do correspondente internacional, glorificada nos séculos XIX e XX, passa por uma profunda crise de identidade”² (AGNEZ E MOURA, 2012, p. 280).

Para entender tal crise, é preciso lembrar de como tudo começou. Desde o século XVI, na Europa, há pessoas que cumprem o papel de transmitir informações de um país a outro: sem saber, elas foram representantes primordiais daquilo que, anos e anos depois, viria a ser o ofício do correspondente estrangeiro. De acordo com o ex-correspondente internacional pela Folha de S. Paulo e atual professor de jornalismo da PUC-SP, João Batista Natali (2004, p. 21), os compêndios de história do jornalismo da Enciclopédia Britânica citam o banqueiro alemão Jacob Függer como criador da *newsletter* – um recurso amplamente usado até hoje no jornalismo. Segundo Natali, Függer teria sido o primeiro a contratar agentes que se comprometiam a lhe enviar com regularidade informações que tivessem utilidade para os negócios, como cotações de

² Tradução do espanhol para o português feita pela autora.

mercadorias, pedágios de alfândegas senhoriais, relatos de conflitos regionais e riscos de tráfego pelas estradas. Só após 1600, por tanto no século XVII, começaram a pipocar pela Europa os jornais baseados em informações econômicas. “O jornalismo nasceu, isto sim, sob forma de jornalismo internacional, com o formato de coleta e difusão de notícias produzidas em terras distantes” (NATALI, 2004, p. 23).

Dando um salto de mais de 200 anos na história, são criadas as agências de notícias. Como aponta Pedro Aguiar (2009), jornalista e professor de jornalismo da Universidade Federal Fluminense (UFF), acredita-se que a primeira delas tenha sido fundada pelo banqueiro francês de origem húngara Charles-Louis Havas (1783-1858), entre 1832 e 1835 – a data exata de fundação divide os autores. Após ir à falência como banqueiro, Havas:

[...] teve a iniciativa de empregar sua rede de contatos para apurar informações úteis a investidores (cotações de mercadorias e matérias-primas, previsões de colheitas, decisões políticas, questões tributárias etc.), depois traduzi-las e revendê-las. Com isto, montou a *Agence de Feuilles Politiques et Correspondance Générale*, mais tarde rebatizada com seu próprio nome. (AGUIAR, 2009, p. 4).

126

Hoje, a *Agence Havas* tem o nome de *Agence France Press* (AFP). Naquele mesmo período, foram criadas a agência *Reuters* (1851), na Inglaterra; a *Wolffsches Telegraphenbüre* (1849), na Alemanha; e a *Associated Press* (1846), nos Estados Unidos (Fernandes, 2014, p. 64). Também no século XIX, “a figura do correspondente internacional surge como um posto de trabalho na carreira jornalística responsável por manter essa rede de circulação de informações” (AGNEZ, 2014, p. 14). Foi então que os jornalistas passaram a ser enviados como correspondentes de guerra, para fazer a cobertura dos conflitos. De lá para cá, conforme novas tecnologias surgiam, os mais diversos meios de transmissão de informação foram utilizados pelos repórteres e pelas redações. Conforme defende Zélia Leal Adghirni (2013, p. 34), professora de jornalismo da UnB, desde os tempos do pombo correio até os posts no Twitter, a notícia busca a maneira mais rápida de chegar ao leitor.

O desenvolvimento das tecnologias acompanhou toda a história dos correspondentes internacionais, desde as cartas que atravessavam continentes até os canais de notícias 24 horas e a internet, que hoje

permitted the professional to know what is happening in all parts³ (AGNEZ E MOURA, 2012, p. 282).

Porém, ao mesmo tempo em que tecnologias como a internet facilitaram imensamente a transmissão de informações do correspondente à redação e vice-versa, elas também trouxeram novos desafios para a profissão, que segue mudando e exige a adaptação do profissional. As dificuldades não são de cunho técnico como no rudimentar início do ofício, mas são, isso sim, uma questão de adaptação de um velho modelo a uma nova realidade. A seguir, foi possível elencar as possíveis causas que compõem o atual cenário de desafios, que se expressa pelo declínio do número de correspondentes internacionais em todo o mundo.

3. Correspondente custa caro

É de conhecimento geral o alto investimento necessário para manter qualquer redação jornalística, seja uma TV, rádio, site ou publicação impressa. Mas além dos elevados custos de câmeras e demais equipamentos, bem como do papel usado em jornais e revistas, os profissionais também representam boa parte dos gastos – especialmente o correspondente estrangeiro. A manutenção de um bureau de jornal impresso americano no exterior custa de U\$ 200 mil a U\$ 300 mil por ano, conforme apontam os jornalistas Pamela Constable, do *The Washington Post*, e Oliver Willmott, do *New Statesman*.

127

Notícias internacionais são excessivamente caras porque, segundo o jornalista econômico americano Peter Goodman (2013), requerem um profissional bastante qualificado, que domine outros idiomas, saiba apurar e reportar bem as histórias, tenha muita paciência e uma excelente memória. Se, por um lado, há altas despesas financeiras por parte da empresa jornalística, por outro, não existem grandes expectativas de retorno de anunciantes. Isso porque, ainda de acordo com Goodman, as empresas de tecnologia e as de serviços financeiros (que são as com maior poder de investimento em publicidade) adoram financiar coberturas jornalísticas sobre inovação ou empreendedorismo, mas elas tendem a não querer associar suas marcas às tragédias típicas da cobertura internacional.

³ Tradução do espanhol para o português feita pela autora.

Como afirma Anup Kaphle (2015), editor-ajunto da editoria internacional no BuzzFeed, as redações atualmente lutam para encontrar meios cada vez mais baratos de engajar uma maior audiência e, assim, ir ao encontro dos objetivos da publicidade. Muitas vezes, na tentativa de minimizar os custos, toma-se a decisão de fechar bureaus no exterior e cortar o número de correspondentes.

Para John Maxwell Hamilton e Eric Jenner (2004), professores e pesquisadores de comunicação na Louisiana State University, o número cada vez menor de correspondentes internacionais segue uma tendência darwinista, em que os mais adaptados sobrevivem. Isso quer dizer que o ideal, em termos econômicos para a redação, é que o correspondente consiga fazer sozinho o trabalho todo, isto é, apurar, escrever, fotografar, filmar, gravar áudio e o que mais seja necessário. Ou seja, ao que parece, a tendência é, daqui para frente, que o correspondente seja cada vez mais um profissional multitarefa.

4. É perigoso ser correspondente

Como se sabe, a cobertura internacional é ampla: abrange desde política e cultura até acidentes de grande magnitude, desastres naturais e guerras. Como consequência, o profissional que ocupa a função pode ter um dia tranquilo seguido de outro em que fica a dois passos da morte. É preciso ter muita coragem, pois a realidade é violenta e triste: só nos primeiros meses de 2015, 30 jornalistas foram mortos no mundo, de acordo com o *Committee to Protect Journalists*. Desses, 10% eram correspondentes internacionais. O número pode parecer pequeno, mas não é, visto que essa estatística leva em conta apenas os mortos exclusivamente por exercer atividade jornalística. Ou seja, o número real de correspondentes estrangeiros mortos pode ser ainda maior, uma vez que muitos deles morrem em acidentes (como os dois argentinos que morreram no trânsito brasileiro durante a cobertura da Copa em 2014), ou são vítimas de explosões e ataques terroristas em locais públicos que matam centenas de pessoas de uma vez.

As atuais guerras, conflitos armados e o surgimento de grupos considerados terroristas é um dos fatores que contribui para os riscos da profissão do

correspondente. Por ser cidadão de outro país, a vida do correspondente é encarada como moeda de troca por grupos extremistas, sendo potencialmente negociável com o governo de seu país de origem. É o que costuma ser reportado nos telejornais, quando o próprio jornalista é a notícia: os sequestradores capturam o correspondente e mandam mensagens em vídeo fazendo exigências para que ele possa ser liberado ou, no mínimo, para que não seja morto.

O jornalista americano Steven Sotloff foi sequestrado e decapitado pelo grupo terrorista Estado Islâmico (EI) em setembro do ano passado – e a morte foi registrada em vídeo, como forma de pressionar os Estados Unidos a pararem de realizar ataques militares contra o EI na Síria (Davis, 2014). Mais recentemente, no dia 8 de janeiro de 2015, tornou-se pública a notícia que as jornalistas Sofiene Chourabi e Nadir Khtari, ambas da Tunísia, foram sequestradas na Síria também por um braço do EI, porque estariam trabalhando para um canal que seria considerado pelos extremistas como contrário a religião (Zakaria, 2015). No último dia 1º de junho, o jornalista americano Casey Coombs foi liberado após ser sequestrado por terroristas no Iemen. Credita-se que outros três correspondentes ainda estejam sob domínio do grupo (Yuhas, 2015).

Essas são apenas algumas demonstrações que da relevância dos atuais riscos da profissão: ele existe, é real. E, por isso mesmo, associado a outros fatores, pode ser decisivo (ou pelo menos um forte argumento) para a diminuição do número de correspondentes - tanto por parte das empresas jornalísticas como por parte dos próprios jornalistas.

5. Agências de notícias

Conforme Aguiar (2008), as agências de notícias são empresas especializadas que coletam e formatam informações de interesses variados e distribuem para veículos de imprensa que assinam seus serviços.

No contexto de jornalismo internacional, agências de notícias são especialmente importantes porque seus serviços foram, durante mais de um século, o meio mais acessível para uma publicação obter informação sobre o maior número de lugares possível. Como as maiores agências internacionais cresceram pelo fato de terem

repórteres-correspondentes espalhados por praticamente todo o mundo e fornecerem informação quantitativamente variada, é por elas que órgãos de mídia – e, assim, o público – recebem a maior parte do material que publicam. (AGUIAR, 2008, p. 22)

Reuters, United Press International (UPI), Agence France-Presse (AFP), Associated Press (AP), Visnews e United Press International Television News (UPITN): tais nomes podem até não soar familiares para o consumidor final dos noticiários, mas essas seis agências são as principais responsáveis pelo suprimento de notícias internacionais à mídia de massa de todo o mundo. Juntas, elas empregam milhares de pessoas e mantêm escritórios em centenas de países. De acordo com o jornalista e pesquisador americano Jim Richstad, as "equipes contam com centenas de correspondentes, *stringers*, repórteres e câmeras-men, e elas controlam sofisticados equipamentos de transmissão em alta velocidade e fazem uso extensivo de satélites de comunicação" (RICHSTAD, 1981, p. 243).

Como pode, então, cada jornal, individualmente, competir com tais empresas altamente especializadas? É difícil para os veículos de notícias gerais concorrerem com a velocidade e a quantidade do conteúdo produzido pelas agências transnacionais. Elas contam com centenas profissionais por todo o mundo, enquanto os veículos de notícias sequer conseguem manter algumas dezenas de correspondentes. É assim que, aos poucos, o uso maciço dos serviços das agências parece estar diminuindo a necessidade da existência dos correspondentes estrangeiros.

6. Novas tecnologias e fontes de informação

Desde as primeiras manifestações da atividade jornalística, a cada nova tecnologia que surge, as técnicas e possibilidades de cobrir e transmitir fatos se ampliam. Como lembra o jornalista saudita que trabalha para o The Wall Street Journal, Ahmed Al Omran (2014), isso acontece desde os tempos do telégrafo e, além das inéditas possibilidades, as novidades tecnológicas trazem também muitos desafios.

A popularização da internet em alta velocidade (3G e 4G) associada ao aumento de dispositivos disponíveis a preços acessíveis (notebooks, computadores, celulares, tablets, gravadores, smartphones, câmeras digitais) transforma os cidadãos em

potenciais correspondentes. Isso porque se acontece um grande desastre natural, por exemplo, é muito provável que um cidadão local filme o evento (antes de qualquer repórter profissional), e o disponibilize nas redes sociais. É comum esse tipo de imagem se disseminar pelo mundo e, inclusive, ajudar a compor matérias de TVs e sites de vários países.

É por esse motivo que Hamilton e Jenner (2004) afirmam que novas variedades de correspondentes têm surgido, e alguns deles sequer se consideram jornalistas. Ora, de fato, o cidadão em geral não se dá conta de que, ao registrar o acontecimento, está fazendo um trabalho muito parecido com o dos jornalistas – talvez porque ele não esteja sendo pago para isso e se utilize de equipamentos e métodos considerados amadores. Enfim, ele não imagina, de imediato, a repercussão daquilo a nível mundial. Esse cidadão comum não percebe a importância de seu trabalho não remunerado, o valor de estar presente ali, e não vislumbra a importância que sua produção – seja foto, vídeo, gravação de áudio – desempenha no novo cenário de reconfiguração do jornalismo internacional.

Uma vez que as redações se dão conta desse novo paradigma, concluem que não precisam gastar para manter tantos correspondentes espalhados pelo mundo. Se for o caso, no primeiro momento após um grande fenômeno natural ou acidente, o veículo utiliza as produções amadoras locais e, em seguida, um enviado especial pode viajar rapidamente para fazer a cobertura mais aprofundada, voltando ao país de origem tão logo os editores queiram. Muitas vezes, no entanto, o veículo pode julgar que nem mesmo esse enviado é necessário e que o das agências de notícias, somado ao que é fornecido pelos cidadãos locais é suficiente para fazer a cobertura.

Não está se discutindo aqui, é claro, a qualidade das matérias produzidas dessa forma, sem ter uma pessoa *in loco* (a importância do trabalho do correspondente internacional daria um artigo à parte). Mas o fato é que essa prática de fazer matérias como se fossem colchas de retalhos existe – e está cada vez mais presente nas redações.

7. Considerações finais

Este artigo permitiu uma reflexão acerca das atuais possibilidades e limitações do exercício da profissão de correspondente internacional. Em suma, o que se nota de mais atual a respeito da profissão de correspondente internacional, de acordo com o que foi apresentado neste texto, é que o cargo tem sofrido pressões de cunho econômico (altos custos de manutenção do profissional no exterior e pouco retorno financeiro para a empresa jornalística); tecnológico (uma vez que o correspondente concorre com a rapidez das agências de notícias e com os próprios cidadãos que, munidos de câmeras, registram os eventos e os divulgam nas redes sociais) e em relação aos riscos de vida (visto que em muitas localidades – especialmente no oriente médio – são violentas e perigosas para repórteres, pelos motivos já citados anteriormente).

Apesar de tais dificuldades, a profissão resiste e sobrevive. Pode-se inferir, então, é que real a necessidade da presença desse olhar no lugar onde os fatos ocorrem, isto é, um repórter que possa observar o que se passa em certa localidade e seja capaz de comunicar com eficácia a seus conterrâneos o que acontece em terras distantes. O ser humano criou a prensa, o telégrafo, o rádio, o telefone, a televisão e a internet, mas esses recursos tecnológicos não se operam sozinhos e, pelo menos por enquanto, não são capazes de transmitir uma informação sem o esforço de pessoas que observem e reportem os fatos. É por isso que, no presente momento, pode-se concluir que o cargo de correspondente internacional passa sim por uma crise, no sentido de redução de pessoal por conta de dificuldades financeiras e mudanças de paradigmas tecnológicos, mas isso não significa que a função irá entrar em extinção.

Referências

ADGHIRNI, Zélia Leal. A pluralidade do mundo na visão singular do correspondente internacional. *Intexto*, Porto Alegre, UFRGS, n. 28, pp. 35-52, julho 2013.

ASH, Timothy Garton. “The foreign correspondent is dead”. *The Guardian*, 08 dezembro 2010. Disponível em: <http://www.theguardian.com/commentisfree/2010/dec/08/long-live-the-foreign-correspondent>. Acesso em: 25 de abril de 2015.

AGNEZ, Luciane Fassarella. *Identidade profissional no jornalismo brasileiro: a carreira dos correspondentes internacionais*. 2014. Tese (Doutorado) – Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

_____; MOURA, Dione Oliveira. “Corresponsales internacionales: problematización en torno a la era digital y el periodismo”. *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación* – ano 9, n. 17, 2º semestre/2012. São Paulo: ALAIC, 2012.

AGUIAR, Pedro. *Jornalismo internacional em redes*. Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social, 2008. Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204433/4101411/estudos20.pdf>. Acesso em: 25 de abril de 2015.

_____. “Notas para uma história do jornalismo de agências”. Trabalho apresentado no VII Encontro Nacional de História da Mídia – GT História do Jornalismo. Fortaleza, 2009.

ARCHETTI, Cristina. “Which Future for Foreign Correspondence? London Foreign Correspondents in the Age of Global Media”. *Journalism Studies*, 30 novembro 2012. Disponível em: https://www.academia.edu/2637877/_Which_Future_for_Foreign_Correspondence_London_Foreign_Correspondents_in_the_Age_of_Global_Media_Journalism_Studies_Special_Issue_on_The_Future_of_Journalism_13_5-6_847-856. Acesso em 31 de maio de 2015.

BRASIL, Antonio. “A construção da imagem do Brasil no exterior: um estudo sobre as rotinas profissionais dos correspondentes internacionais”. *Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia*, Porto Alegre, v. 19, n. 3, pp 775-794, setembro-dezembro 2012.

CONSTABLE, Pamela. “Demise of the Foreign Correspondent”. *The Washington Post*, 18 fevereiro 2007. Disponível em: <http://www.washingtonpost.com/wp-dyn/content/article/2007/02/16/AR2007021601713.html>. Acesso em 12 de maio de 2015.

DAVIS, Julie Hirschfeld. “After Beheading of Steven Sotloff, Obama Pledges to Punish ISIS”. *The New York Times*, 03 setembro 2014. Disponível em: http://www.nytimes.com/2014/09/04/world/middleeast/steven-sotloff-isis-execution.html?_r=0. Acesso em 31 de maio de 2015.

FERNANDES, Vivian de Oliveira Neves. *A América Latina na Mídia Alternativa: A Produção de Notícias na Radioagência NP e na Agência Pulsar Brasil*. 2014. Dissertação (Mestrado) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

GOODMAN, Peter. “Foreign news at a crisis point”. *The Huffington Post*, 25 setembro 2013. Disponível em: http://www.huffingtonpost.com/peter-s-goodman/foreign-news-huffington-post_b_3963911.html. Acesso em: 25 de abril de 2015.

HAMILTON, John M.; JENNER, Eric. *Foreign Correspondence: Evolution, Not Extinction*. Nieman Reports, setembro 2004. Disponível em: <http://niemanreports.org/articles/foreign-correspondence-evolution-not-extinction>. Acesso em 31 de maio de 2015.

KAPHLE, Anup. “The foreign desk in transition”. *Columbia Journalism Review*, março-abril 2015. Disponível em: http://www.cjr.org/analysis/the_foreign_desk_in_transition.php. Acesso em 20 de março de 2015.

NATALI, João Batista. *Jornalismo internacional*. São Paulo: Contexto, 2004.

OMRAN, Ahmed Al. “A Toolkit: Eight Tactics for the Digital Foreign Correspondent”. In *The New Global Journalism: Foreign Correspondence in Transition*. *Tow Center for Digital Journalism*, Columbia University, setembro 2014. Disponível em: <http://towcenter.org/wp-content/uploads/2014/09/The-New-Global-Journalism-1.pdf>. Acesso em 6 de junho de 2015.

RABINOVICI, Moisés. “O cargo de correspondente está acabando”, prevê Moisés Rabinovici. 08 outubro 2013. *Portal Imprensa*. Entrevista concedida a Gabriela Ferigato. Disponível em: <http://www.portalimprensa.com.br/noticias/brasil/61629/o+cargo+de+correspondente+esta+acabando+preve+moises+rabinovici>. Acesso em 13 de junho de 2015.

RICCO, Flávio. “Record diminui número de correspondentes”. *UOL entretenimento*, 16 março 2013. Disponível em: <http://televisao.uol.com.br/colunas/flavio-ricco/2013/03/16/record-diminui-numero-de-correspondentes.htm>. Acesso em 20 de junho de 2015.

RICHSTAD, Jim. “Transnational news agencies”. In: *Crisis in International News – Policies and Prospects*. Nova York: Columbia University Press, 1981.

SAMBROOK, Richard. *Are Foreign Correspondents Redundant? The changing face of international news*. Oxford: Reuters Institute for the Study of Journalism, 2010.

URRY, John. *The tourist gaze: leisure and travel in contemporary societies*. London: Sage Publications, 1990.

YUHAS, Alan. “Houthi rebels release American journalist held in Yemen”. *The Guardian*, 01 junho 2015. Disponível em: <http://www.theguardian.com/world/2015/jun/01/houthi-rebels-american-hostage-yemen-oman>. Acesso em 05 de junho de 2015.

WILLMOTT, Oliver. “The decline of the foreign correspondent”. *NewStatesman*, 01 novembro 2010. Disponível em: <http://www.newstatesman.com/international-politics/2010/11/foreign-international-british>. Acesso em: 04 de junho de 2015.

ZAKARIA, Rafia. “Let's talk about the other dead journalists”. *Aljazeera America*, 10 janeiro 2015. Disponível em: <http://america.aljazeera.com/opinions/2015/1/charlie-hebdo-deadmuslimjournalistsfreedomofspeech.html>. Acesso em 04 de junho de 2015.

ZUCKERMAN, Ethan. “Are foreign correspondents going extinct? Or just changing their stripes?” *Ethan Zuckerman Blog*, 16 de janeiro de 2007. Disponível em: <http://www.ethanzuckerman.com/blog/2007/01/26/are-foreign-correspondents-going-extinct-or-just-changing-their-stripes/comment-page-1>. Acesso em 2 de maio de 2015.